A PLEBE

ASSIGNATURAS
Anno . . . 10$000 — Semestre . . . 6$000
PAGAMENTO ADIANTADO
As assignaturas começam sempre no dia 1.o do mez em que são tomadas
Numero avulso: Da semana $100; atrazado $200

Toda a correspondencia a EDGARD LEUENROTH
Endereço: Caixa Postal, 195 — S. PAULO - (Brasil)
Redacção e Administração: Rua Cap. Salomão, 3-B (Sobrado) — Junto ao Largo da Se

ANNO I -:- NUM. 6
21 de Julho de 1917
PUBLICA-SE AOS SABBADOS
Os annuncios na 4.a pagina são inseridos á razão de 300 réis por centimetro de columna

PRENUNCIO DE UMA ERA NOVA

O proletariado em revolta affirma o seu direito á vida

Colossal movimento de protesto -- A imponente gréve geral paralysou toda a vida da cidade -- A plebe faminta praticou a expropriação -- Os cerberos dos ladrões do povo deram largas á sua furia vandalica -- Assasinatos, espancamentos, assaltos a associacões e a domicilios -- estiveram na ordem do dia -- Os obreiros, apesar de tudo, conseguiram a sua primeira victoria -- E' preciso, porem, estar álerta, para não serem victimas de uma torpe traição.

Premida por uma situação de torturas moraes e de atroz miseria, cujas terriveis consequencias de dia para dia mais lhe amarguravam a triste existencia, — a plebe, dominada pelo desespero, perdeu a paciencia e, ululante e audaz, sahiu para a rua affirmando o seu direito á vida.

Foi um bello, um imponente movimento popular de protesto contra a corja usurpadora.

A historia deste paiz não registou outro de tão grande importancia.

Iniciado por uma corporação de tecelões, estendeu-se rapidamente e, em quatro dias, paralysou toda a vida desta faustosa capital, enchendo de pavor os que vivem roubando e opprimindo o povo.

Todas as classes laboriosas, expontaneamente ou arrastadas pela pressão collectiva, nelle tomaram parte.

A falange obreira começou a abandonar á insana labuta e a sahir para a rua na terça-feira, por occasião do enterro do desventurado Martinez. Tres dias depois ninguem trabalhava, ficando a cidade quasi inteiramente á mercê do operariado.

Que tremenda lição! Se estivesse fortemente unida e preparada, teria podido, alfim, impôr os seus direitos.

A lição servirá, porém, e de outra vez a sua acção será mais organizada e decisiva.

União Sagrada!

O imponente movimento a que vimos de assistir evidenciou a necessidade de oppormos á união sagrada dos burguezes e dos patriotas, que se enriquecem á custa do trabalho, a união sagrada dos esfomeados e explorados, rebellando-se contra a ganancia capitalista e contra todas as injustiças da sociedade burgueza.

O momento é decisivo! Ou todos os explorados das officinas, das fabricas, dos transportes, dos balcões e dos quarteis se preparam para levantar bem alto a sua voz exigindo justiça, e, por meio da acção impor a sua vontade, ou então, as forças da reacção — governo e patrões — se vingarão da mais bella manifestação das reivindicações proletarias que esta cidade já viu.

Soldados! Vós sois os proletarios explorados nos quarteis. Os burguezes, em nome da bandeira e em nome da patria, que é uma verdade para elles que foram tudo, e uma mentira para vós que tudo soffreis, vos transformam em algozes dos vossos irmãos de miseria e de soffrimento.

Quando não soffreis nos quarteis, porque precisam ser amaveis e até adular-vos para que vos presteis aos seus manejos, os burguezes vos fazem soffrer quando, despida a farda, voltais a ser os explorados dos campos ou os esfomeados das usinas e das fabricas.

Caixeiros! Vós sois os explorados dos balcões. Os commerciantes, vossos patrões, ganham fortunas colossaes a custa do vosso suor, e, para melhor explorar-vos, violam as poucas leis municipaes existentes em beneficio da classe caixeiral.

Carroceiros! Cocheiros! Chauffeurs! Motorneiros! Conductores! Machinistas! Vós sois os explorados dos industriaes de transporte, que ganham milhares de contos todos os mezes, como a Light e a Ingleza, pagando-vos salarios irrisorios, e applicando multas injustificaveis e injustificadas!

Operarios! Operarias! Vós sois os martyres da civilização e do progresso.

Obreiros, productores de toda a riqueza social, ganhais salarios que não bastam para matar a fome de vossos filhos: viveis em miseraveis habitações, desprovidas de todo o conforto e bem-estar que os vossos braços cream; não recebeis a cultura a que tendes direito, e sois, em resumo, tristes párias sociaes no meio das magnificiencias de um mundo de gosos creado pela força dos vossos musculos e de vossos cerebros!

A hora é decisiva! A burguezia enriquecida a custa do suor do povo; as classes parasitarias que se aproveitam das garantias de uma organização social deshumana e os governantes, que gosam, banqueteiam-se e se divertem emquanto o povo soffre, não terão forças para resistir-vos na justa reivindicação dos vossos direitos, si a vossa união sagrada effectivar, persistindo até a vcitoria final.

O mundo, perturbado e sacudido na sua evolução natural pela fogueira ateada na Europa, está em vesperas de soffrer uma transformação completa.

A velha sociedade, carcomida nos seus alicerces, não poderá aguentar o peso do furacão que passa.

Estamos assistindo ao parto de um mundo novo em que reinará a justiça social.

Explorados da terra!

Não dezerteis do vosso posto de combate.

Sois a vanguarda do grande exercito libertador, que ha de escrever a pagina lumiadora da redempção humana!

Sois os filhos do trabalho, que procurando assegurar o proprio direito á vida, reclamais pão para os vossos filhos e justiça para todos.

Que ha mais sagrado que o direito de viver!

Os codigos e as leis, emanações da força e da vontade das classes dirigentes, estabelecem que é sagrado e inviolavel o direito da propriedade.

Mentira!

Ha um unico direito inviolavel e sagrado no esplendido codigo da natureza: é o direito á vida!

E antes de morrer de fóme é preferivel morrer combatendo.

«A Plebe»

Apezar do presente numero ser dedicado á gréve, não comportou toda a materia, que sahirá nos numeros subsequentes.

Como foi suspenso o movimento

Nos tres comicios realizados na segunda feira, foi approvada a seguinte moção:

«As categorias de operarios em gréve, reunidas em comicio, ouvido o relatorio do Comité de Defesa Proletaria, affirmam mais uma vez a sua solidariedade com o mesmo e deliberam a retomada do trabalho, em todas as industrias, cujos dirigentes acceitaram as bases de accôrdo estabelecidas, continuando a gréve das categorias de operarios que nada obtiveram e cujos patrões não pretendem subscrever os pactos, para reconhecimento dos quaes se empenhou e deu garantias a Commissão da Imprensa.

«Os operarios que voltam ao trabalho comprommettem-se, ao primeiro chamado do Comité, a reencetar e intensificar a agitação, se dentro do mais breve prazo indispensavel e possivel, não forem ma[illegible] pelos poderes publicos e se não fôr resolvida, como é de justiça, a posição das categorias obrigadas a persistirem na gréve.

«As categorias que ditam esta ordem do dia assumem o encargo e fazem empenho para que, entrementes, toda a massa proletaria se organise e augmente a força moral e material das respectivas uniões de officios, estreitando-as num commum accordo.»

A' guisa de ultimatum

O programma communicado aos jornaes pelo Comité de Defeza Proletaria éra o minimo que um *comité* de defeza, sahido das multidões vencidas pela fome, espoliada, roubada e assaltada pelos cossacos do Estado poderia reclamar.

Foi, porém, a prova da manifesta boa-vontade que existia de resolver o conflicto por via de uma solução que, para nós, mesmo conseguida, não deixaria de ser um tanto illusoria e transitoria.

Noutras partes, noutros paizes, o que pede um *comité* de Defeza Operaria — um *comité* que se deve considerar subversivo — estaria já proposto pelas proprias classes conservadoras como medida de defeza dos proprios interesses.

Aqui, o minimo teve, ao contrario, de ser pedido por aquelles que têm o olhar naturalmente voltado para o maximo, por aquelles que aspiram á justiça integral, ao pão para todos, ao bem-estar de todos.

Extranha contradição... que nos achou condescendentes tambem a nós.

Era necessario, aqui, pôr o Estado em prova, demonstrar toda a sua sabedoria, toda a sua capacidade, toda a sua apregoada boa-vontade, celebrada pelos seus jornaes, no querer o bem-estar do povo e, particularmente, do operariado.

Para nós, é claro, seria uma prova superflua, mas necessaria para um povo que se atirava á sua primeira batalha de defeza da propria existencia.

Accusaram-nos de pedir o impossivel. Nós, porém, estavamos certos de haver pedido o minimo que era possivel.

O Estado que resolva... se quer ou pode fazel-o.

Resolva depressa, muito depressa.

Hontem defendia-se accusando a massa de não saber formular e unificar as suas proprias reclamações. Hoje é chamado a decidir sobre os mais modestos e razoaveis pedidos que um povo em revolta poderia apresentar.

Para resolver, o governo não deve e não pode preoccupar-se com paliativos, com promessas ou projectos.

Resolva e depressa. O POVO TEM FOME!

Hontem elle pediu o minimo. Amanhã será insufficiente.

Amanhã fará a revolução e estabelecerá o regimen do bem-estar e da liberdade para todos.

Alerta!

Cada qual no seu posto

O armisticio actual deve servir para que todos se preparem. O movimento foi apenas suspenso e tanto os capitalistas como os governantes procuram furtar-se aos compromissos assumidos.

Ha mais. Como uma revoltante provocação tudo encareceu nos ultimos dias.

A postos, pois. Activem-se as sociedades e grupos daqui e do interior e estejam promptos para attender ao signal de alarma.

Como foi acceita a intervenção dos jornalistas

Convidados a tratar com as autoridades, os membros do «Comité» de Defeza Proletaria negaram-se peremptoriamente, dizendo que não apertariam a mão de quem a tinha banhada no sangue dos trabalhadores.

Foi então que intervieram os jornalistas, com quem o «Comité» entrou em relações.

MÃOS Á OBRA

Estão surgindo as organisações obreiras

A lição foi dura, por isso o operariado não quer deixar de a aproveitar.

A sua desunião impediu que pudessem fazer valer, positivamente, os seus direitos.

Estão, por isso, surgindo as sociedades de resistencia.

Os graphicos e os chapeleiros reforçam os seus syndicatos. Os canteiros reconstituiram o seu. Os sapateiros, pedreiros, trabalhadores em fabricas de louças, pintores, etc., tentam organizar-se fortemente.

O operariado verificou que se estivesse unido, baldados seriam os esforços da burguezia para o vencer. Trata, portanto, de se preparar para a proxima refrega.

Muito bem! Que não se detenha. Mãos á obra. Reunam-se já e já, para que a borrasca não os apanhe navamente desprevenidos.

Quantos são os mortos?

Diz-se que são muitos, de positivo, porém, nada se sabe a respeito.

Numerosas devem ter sido as victimas da furia sanguinaria dos cerberos dos argentarios ladravazes.

A soldadesca, que recebera ordem de atirar sem piedade, andou pela cidade como um bando de vandalos, disparando as carabinas e revolvers a esmo.

Chegaram até a fazer funccionar as metralhadoras.

A policia apenas denunciou tres mortes, entre as quaes a de uma creança.

Ha outras, porém, muitas outras. Quantas? E' o que o povo precisa saber.

Affirma-se que muitos cadaveres foram sepultados clandestinamente, sendo transportados nas carroças do lixo.

Urge que tudo se esclareça. A população do Brasil deve saber quantas pessoas tombaram varadas pelas balas da policia deste Estado-modelo.

Isso não impede, entretanto, nos! gritemos bem alto: assassique covardes!

Porque não sahiu "A Plebe"

A nossa folha não circulou sabbado ultimo nem nos dias subsequentes, como era nosso desejo, não só porque o pessoal da typographia onde se imprime adheriu á gréve geral mas tambem porque os componentes de seu grupo foram absorvidos pelo movimento, ao qual tiveram de emprestar toda a sua actividade.

As barricadas

Em varios pontos da cidade travaram-se, como é sabido, verdadeiras batalhas entre o povo e a força armada. Foram tiroteios incessantes, que os grevistas heroicamente sustentaram forçando a debandar, em completa desordem, numerosos contingentes da força publica. A cavallaria, sobretudo, teve o seu quinhão.

No Bom Retiro e Ponte Pequena os grevistas formaram verdadeiras barricadas de onde alvejavam, num fogo certeiro e vivo, os inconscientes e militarizados defensores do Estado e do capitalismo, principio e causa da sua propria desgraça e da desgraça daquelles que são os seus irmãos de soffrimento e miseria.

Pró-victimas da gréve

As importancias conseguidas devem ser com urgencia remettidas á *Guerra Sociale*, ao *Avanti!* ou para o nosso endereço, afim de serem entregues ao Comité de Defeza Proletaria, que de tudo prestará conta pelos nossos jornaes.

Aspecto da multidão que acompanhou o enterro do companheiro Martinez, quando estacionada na rua 15 de Novembro

CONTRA O REGIMEN DA FOME

A unica e necessaria solução

Finalmente, depois de ter, por um momento, espreitado a attitude dos operarios, o jaguar policial começou a cravar as suas garras nessas victimas do patronato e do Estado.

Houve, em verdade, uma tregua, confiando-se em que a fome obrigaria, por si só, os operarios em gréve a voltarem ao trabalho nas condições impostas pelos burguezes.

Estes, porém, vendo as suas esperanças defraudadas pela abnegação operaria, encommendaram ao jaguar policial a solução dos movimentos grévistas, e o sangue proletario começou a correr nas ruas deste burgo, onde os autropophagos, que constituem as classes abastadas e dirigentes, se locupletam com a seiva da excelsa estirpe do trabalho. A corja burgueza, com as mãos banhadas no sangue dos martyres da liberdade, que tombaram em defeza do seu direito á vida, protestando contra o revoltante feudalismo dos Crespi, Matarazzo e todos os modernos negreiros da nossa época, realizou mais um banquete com esses cordeiros da plebe assalariada, caçados pelo chumbo republicano.

Triste sorte a de uma classe que depois de consumir as suas forças num trabalho exhaustivo, de ser expoliado de tudo quanto produz e de soffrer uma morte lenta e dolorosa, causada pela miseria, é, ainda esmagada a casco de cavallo, flagelada pelo chanfalho policial, presa ou assassinada pelos esbirros ao serviço do capitalismo!

Mas segundo a grande imprensa, «Correio Paulistano» — por exemplo — não se explica que os operarios commettam excessos desrespeitando as autoridades e aggredindo soldados, que não fazem senão o seu dever proficional.

Esta tirada jornalistica do *sisudo* orgam da praça Antonio Prado foi escripta com a jesuitica intenção de excitar o furor dos delegados e dos soldados contra as classes trabalhadoras.

Baseando-se exclusivamente nas informações policiaes os redactores dessa e de outras folhas attribuem a provocação dos conflictos exclusivamente aos operarios grévistas e, no entanto, ninguem ignora que, durante o ultimo movimento de resistencia operaria não se verificou nenhuma hostilidade contra a força policial, a não ser pacificos protestos contra a sua presença nos pontos onde ella significava uma ameaça aos grévistas.

O redactor do «Correio» e os collegas da sua classe não podem julgar com um criterio mais justo a revolta proletaria porque calumniando e atacando os operarios, defendendo os capitalistas, as autoridades e adulando os soldados, defendem os seus interesses o seu capital, a sua industria jornalistica, com a qual accumulam fortunas consideraveis.

Por isso, o grande jornal conservador declara com uma firmeza singular que é preciso respeitar o direito ou a liberdade de trabalho, o direito dos capitalistas, o que «seja qual fôr o modo de pensar deste ou daquelle acerca do actual estadio da evolução social, não ha remedio senão reconhecer que as autoridades são necessarias e ainda o serão por muito tempo, o que a policia sendo talvez um mal será um mal indispensavel, emquanto houver individuos que pretendam fazer valer a sua vontade, a força contra a vontade e o direito alheio . . . »

O jornalista de fancaria que escreveu estas asneiras julgou dizer a ultima palavra da politica philosophica e da economia social.

Ora de seu peso cae que o individuo perde a liberdade de trabalho desde que lhe é vedado o acesso á riqueza social, e nessas condições injustas encontram-se todos os proletarios.

A possibilidade de trabalho está limitada pela lei da offerta e da procura. E, finalmente, augmentando diariamente o numero de de desoccupados e não estando o trabalho em relação ás forças do operario nem proporcionando uma renumeração sufficiente para attender a todas as necessidades, a tão decantada liberdade é apenas uma burla.

Quando os operarios tratam de impedir que alguns dos seus companheiros atraiçoem a causa commum, substituindo-os no serviço e fazendo fracassar as gréves, defendem os seus direitos e até os direitos a as liberdades dos proprios traidores.

Quanto á necessidade das autoridades e da policia, argumento tão gasto que já estava esquecido, dizemos que ellas são necessarias apenas para manter o dominio exercido pelos capitalistas exploradores e pelos politicos, que vão engordando á medida que o povo emagrece; ellas são necessarias para sustentar os privilegios da sociedade burgueza que se perpetúa mercê de todos os crimes e violencias.

Digam o que disserem os inimigos do operariado, os factos estão ahi para constatar que os tubarões da agricultura, do commercio e da industria augmentam o preço das mercadorias e realizam transacções escandalosamente lucrativas; que, por consequencia, os operarios não podem comprar um pedaço de pão porque o salario não basta. Os operarios fazem reclamações exigindo salarios mais equitativos e os patrões fecham-lhes as portas na cara. Como ultimo recurso, a classe dos famintos appella para a gréve pacifica, parcial, e soffre a ameaça, a perseguição e a violencia da policia que atropella, prende e mata operarios com uma ferocidade a toda prova.

Que fazer, pois?

O unico recurso para que póde appellar a classe trabalhadora é a gréve geral de todas as classes operarias da capital, do Estado, do Brasil, afim de oppor á força bruta do capitalismo a grande força do trabalho.

Agitem-se as classes laboriosas, estreitem os laços de solidariedade, revoltem-se, pois somente arvorando o pendão das rebeldias e da guerra contra os exploradores e verdugos se alcançará melhores condições de existencia, obrigando-os a cair aos nossos pés pedindo misericordia.

João Crispim.

As proclamações do Thyrso

Durante todo o tempo da agitação as paredes das casas, os muros de todas as ruas, os postes da Light, os bondes viram-se maculados de boletins iracundos e ameaçadores, contendo as infindaveis asnices elaboradas pelo microcephalo Tyrso, mancebo piedoso a quem a apavorada cafila burgueza confiou a guarda e segurança da cidade.

Esses boletins, essas proclamações, emanadas daquelle original sujeito, são a melhor documentação que nos fica dos perturbados dias que passamos e o attesdado mais completo e insophismavel do gráu a que attingiram a desorientação e o terror das classes conservadoras da capital.

Guanabarinas

Rio, 10 de Julho — *Nas aperturas duma quebradeira insolvavel, o governo presidido pelo zebroidissimo Sr. Wenceslau de Itajubá está cavando autorisação do congresso para emittir 300.000 contos de papel moeda. Essa dinheirama se destina, ao que parece, á compra de armamento e munições e ao fomento da industria bellica e outras industrias. A opinião da imprensa se dividiu em dois campos oppostos, ao apreciar a desejada operação financeira emissora: uma parte della affirma que essa é a panacéa unica para a miseria monetaria do paiz e a outra parte assegura que a emissão de dinheiro em papel sem o lastro ouro correspondente é uma asneira deste tamanho. Eu não percebo nada de manipulações e feitiçarias financistas, mas enclino-me a appoiar o modo de ver desta ultima parte da imprensa. Estou em que a fabricação de papel moeda é uma perfeita asneira. Não que eu comprehenda e concorde com os argumentos dos anti-emissores, nada disso; acho que é asneira pelo motivo muito logico de que um governo composto de asnos só póde fazer asneiras. E' claro, evidente, palpavel como tudo que haja de mais palpavel, mais evidente e mais claro... Na minha opinião particular emittir dinheiro papel ou bater dinheiro metal é tudo um: funcção dos moedeiros do Estado, quadrilha de malfeitores constituida com o fim expresso e unico de esplorar e ludibriar o resto da humanidade, sob o pretexto de dirigir e repartir convenientemente e equitativamente as riquezas publicas. Pretexto falsissimo, porque não ha a menor equidade, nem conveniencia qualquer num regimen que deixa os trabalhadores á mingua das mais elementares necessidades e enxarca os malandrins no luxo e na superfluidade enfatuada e canalha.* — **Astper**

As caduquices do "Vovô"

Tem graça O «Correio Paulistano» em querer responsabilizar «*individuos extranhos ao proletario e que professam idéias libertarias*» pelas gréves que têm rebentado em todos os recantos deste nosso burguez Estado. Sim, tem graça porque isso é verdadeiramente pueril.

O depravadissimo orgam que se mantém a custa do não menos depravado governo deste Estado, não parece ter os annos que tem, porquanto não se póde conceber que os nobres operarios de S. Paulo, façam gréves sómente pelo desejo de fazel-as — sem terem sentido a sua necessidade — instigados por individuos extranhos á sua classe. Semelhante puerilidade sómente póde causar riso.

Excellente occasião de ficar quieto perdeu o «orgam official» que se ostenta na praça Antonio Prado, com a sua fachada illuminada por lampadas polychromas, porque as gréves surgiram voluntariamente das massas populares, tão sacrificadas pela nefanda sociedade capitalista; geraram-se expontaneamente nos bairros proletarios como a primeira monera na primitiva idade do globo terraqueo.

Quanto ás idéias libertarias, fique sabendo o «Correio» que todos os operarios as têm, todos elles as professam, visto que não se batem sómente pelo augmento de seus salarios, o que não os tiraria da escravidão em que vivem, mas tambem pelo advento de uma nova ordem de vida que lhes proporcione o bem-estar a que têm direito todos os homens que povoam a superficie da terra.

Responsaveis pelas manifestações de protesto que se têm realizado aqui, existem sem duvida e elles são, como todos sabem — Matarazzo, Crespi, Penteado, Gamba e outros tantos *illustres* exploradores do povo.

Recolha-se, portanto, o «Correio» á mesquinha posição de onde não devera ter sahido.

A nossa "enquête"

Ainda neste numero não nos é possivel publicar coisa alguma relativa á "enquête" que estamos fazendo a proposito da questão social no Brazil.

Os ultimos acontecimentos desenrolados nesta capital e no interior absorveram todo o espaço «*d'A Plebe*».

Notas simples

Nunca nos foi dado assistir neste Estado a um movimento grevista tão grandioso como o que actualmente se está alastrando pelas cidades, onde domina a miseria, a fome e campeiam as mais vergonhosas e audaciosas explorações.

Os trabalhadores vendo, dia a dia, os seus salarios diminuidos, o vendeiro augmentando consideravelmente os generos de primeira necessidade, encontravam-se num estado tão lastimoso e precario que só poderia ser temporariamente resolvido por meio da gréve.

E esta se manifestou com caracter caracterizadamente revolucionario, dando como resultado o triumpho das mesmas. Se os operarios que ainda estão em greve e aquelles que pretendem declaral-as mantiverem uma attitude energica e intransigente, os patrões não terão outro remedio senão aceitar as propostas por elles formuladas.

Mas não se illudam os obreiros com as victorias das gréves; estas pouco representam para o que ha ainda ha fazer. Uma greve ganha representa uma modesta conquista, que não impede de se continuar a viver com difficuldades.

A vida de miseria continuará sendo a mesma, a melhoria será tão insignificante que apenas dará para augmentar um pouco as escassas refeições. Emquanto existir a sociedade burgueza, com todos os seus horrores, calamidades e miserias, o povo terá que soffrer as nefastas consequencias deste regimen decrépito e miseravel. Portanto, todos aquelles que aspiram a melhorar suas condições de vida devem procurar unir-se aos libertarios e com elles tomar parte nas manifestações e agitações, approximando, dessa forma, a derrocada final duma sociedade que garante e mantém as mais infames explorações. E sobre os escombros do regimen burguez nós estabeleceremos uma sociedade humana, que garanta a felicidade e o bem estar a todos os seus componentes.

Joly.

Ainda bem ...

Não são nossas, mas do venerando e conservador *Estado de S. Paulo* as palavras seguintes a proposito do movimento grevista:

«No fundo de todos os movimentos sociaes ha uma luta tremenda de egoismos que se entredevoram. Sem lutar, sem lutar com energia e constancia, com vigor e coragem, unidos e solidarios, os operarios não conseguirão melhorar de sorte. Não ha outro meio. E, para o adiantamento geral da sociedade, no sentido de uma mais larga distribuição dos beneficios da civilisação e da cultura, ha toda a conveniencia em que deixem de existir familias na miseria, crianças mal alimentadas e mal educadas, homens explarados por homens como simples machinas. Os interesses do operariado, bem comprehendidos, são os interesses mais altos, mais bellos e mais nobres da sociedade em geral.»

Por menos palavras expressivas do que estas já tem sido supprimidos muitos jornaes *nossos*.

JUSTA HOMENAGEM

Uma victima heroica

Publicamos a seguir um dos discursos pronunciados por occasião do enterro do companheiro morto na segunda-feira passada:

Grande heróe:

Apagou-se a grande luz que te illuminava, ao sopro da Parca inexoravel! Eis-te ahi tombado para sempre, dormindo o eterno somno, na paz sombria deste cemiterio. Em derredor de ti uma multidão de companheiros sentem o coração opresso por uma saudade pungente. O silencio e a dôr divagam por estas viellas soturnas, amortalhadas por nuvens densas, negras e pesadas. Viemos aqui acompanhar-te até a tua derradeira morada, que regaremos com as nossas lagrimas sinceras, deplorando não encontramos palavras que bem traduzam o sentimento que nos causa a tua desapparição dentre nós. Temos a alma confrangida, o coração em pedaços!

* * *

Inflexivel nos teus principios nobres e alevantados, em defesa dos quaes empregaste todos os esforços dos teus verdes annos, tu foste para nós que professamos as mesmas idéas, um abnegado heróe. Tu foste o primeiro que, nesta terra, no grave momento actual, se offereceu em holocausto á causa que abraçamos.

Pereceste victima de uma sociedade engrangreuada, apodrecida, enferma, acima da qual te collocaste. Homens inconscientes que trazem botões dourados e divisas multicôres, foram os teus assassinos, cumprindo as ordens de um governo tyranno que garante todos os males que nos infelicitam.

Bello exemplo de energia e de coragem tu nos proporcionaste! Nelle, todos nós haveremos de mirar para, com redobrada bravura, continuarmos a luta em que desde ha muito nos envolvemos, em pról do bem estar para todos.

Morreste pela nossa emancipação economica e social; foste, por conseguinte, um martyr da liberdade que se nos approxima. Por isso nós te rendemos a nossa homenagem grandiosa.

* * *

Contavas apenas 21 annos de edade. Desabrochavas, portanto, para a vida cantando alegremente para o porvir que te sorria côr de rosa, sem divisares o clarão sanguineo e a arma assassina que te fez tombar na luta que travaste em beneficio dos que soffrem, que têm fome e que têm frio.

Eras uma parte dessa mocidade, generosa como a solidariedade, garrula como os passarinhos, encantadora como a mulher, ruidosa como a batalha e cheia de scintillações como o céo! . . . E é por esse motivo que mais ainda choramos a tua morte prematura. O teu nome, porém, a tua obra, a tua imagem emfim, não se apagará da nossa memoria e viverá eternamente em nosso corrção.

* * *

Grande morto: discipulo fervoroso de Kropotkine, Tolstoi, Reclus, Faure, Ferrer, Malatesta e tantos outros homens illustres; victima das tuas idéas sublimes; sérvo humilimo da verdade irrecusavel! Tu soubeste levantar bem alto o teu protesto dizendo que precisavamos destruir radicalmente o estado das coisas actuaes! Tu prefesiste a morte á uma vida em deshaımonia com os teus principios elevados!

* * *

Sobre a tua fronte aureolada por esse tamanho acto de heroismo, desfolhamos as petalas da nossa saudade immorredoura! . . .

O appello aos soldados

No inicio do movimento foi distribuido pela cidade o seguinte boletim:

AOS SOLDADOS!

Soldados! não deveis perseguir os nossos irmãos de miseria. Vós, tambem, sois da grande massa popular, e, si hoje vestis a farda, voltareis a ser amanhã os camponeses que cultivam a terra, ou os operarios explorados das fabricas e officinas.

A fome reina nos nossos lares, e os nossos filhos nos pedem pão! Os perniciosos patrões contam, para soffocar as nossas reclamações, com as armas de que vos armaram, oh! soldados.

Essas armas elles vol-as deram para garantir o seu direito de esfomear o povo.

Mas, soldados, não façaes o jogo dos grandes industriaes que não têm patria.

Lembrai-vos que o soldado do Brazil sempre se oppoz á tyrannia e ao assassinato das liberdades.

O soldado brasileiro recusou-se no Rio, em 81, a atirar sobre o povo quando protestava contra o imposto do vintem, e, até o dia 13 de Maio de 1888 recusou-se a ir contra os escravos que se rebellavam, fugindo ao captiveiro!

Que bello exemplo a imitar!

Não vos presteis, soldados, a servir de instrumento de oppressão dos Matarazzo, Crespi, Gamba, Hoffmann, etc. os capitalistas que levam a fome ao lar dos pobres, e gastam os milhões mal adquiridos e que esbanjam com as «cocottes».

Soldados!

Cumpri o vosso dever de homens! Os grevistas são vossos irmãos na miseria e no soffrimento; os grevistas morrem de fome, ao passo que os patrões morrem de indigestão!

Soldados! Recusai-vos ao papel de carrascos!

S. Paulo, Junho de 1917.

UM GRUPO DE MULHERES GREVISTAS.

"O DEBATE"

Temos sobre a meza o primeiro numero d'*O Debate*, excellente revista hebdomadaria de actualidades que se publica no Rio, sob a direcção de Adolpho Porto e Astrogildo Pereira.

O primeiro numero d'*O Debate* vem repleto de magnificos artigos sobre assumptos do dia e possue todos os caracteristicos de uma revista que «pega». Com effeito *O Debate* é uma publicação unica no seu genero.

O Debate além de seus directores, que são traquejados nas lides jornalisticas, conta com a collaboração de José Oiticica, Fabio Luz, Domingos Ribeiro Filho, Lima Barreto e outros, literatos conhecidissimos que, além da facilidade de escrever, possuem a faculdade de pensar, de pensar em idéas novas, idéas avançadas.

Com estes elementos *O Debate* não pode deixar de ir avante.

São, portanto, quasi ociosos os nossos votos de uma longa existencia.

Um aspecto do comicio realizado no largo da Sé, após o enterro

O MOMENTO

O ROUBO LEGALISADO

Decididamente, a conflagração europeia foi um *maná* delicioso para os torvos abutres do *honrado* commercio.

O assalto atrevido á magra bolsa do consumidor tomou, já hoje, fóros da coisa mais natural e logica deste mundo.

Rouba-se, explora-se, vigarisa-se com a mesma sem-cerimonia com que se bebe um copo de agua...

Gatunos de luva branca e gatunos de mão descalça — eis a gentinha com que deparamos por ahi a cada passo. Nenhuma diferença os distingue, a não ser uma: os ultimos, sendo, como são, uns doentes morbidos, ou umas victimas da sociedade burgueza, expõem-se ás consequencias das suas façanhas, expiando-as amargamente em infectas prisões, por largos annos.

Merecem-nos, por isso, piedade. Os outros, não: entrincheirando-se na lei, que previdentemente forjam á feição dos seus interesses inconfessaveis, mettem subrepticiamente a mão na algibeira do proximo, rindo-se da impunidade com que perpetram semelhantes attentados! Para elles, pois, todo o peso da nossa indignação e da nossa revolta.

Como se vê, o contraste não pode ser mais frisante. E, deante delle, não nos conteremos sem perguntar ao povo espoliado:

— Pode tolerar-se por mais tempo uma anomalia de tal jaez, que legalisa a gatunice infrene do commercio, premiando-a com protecções de toda a natureza?

— Pode consentir se que uma cáfila de especuladores sem escrupulos esteja enriquecendo continuadamente á custa da miseria extrema que campeia nos lares da pobreza productora?

Não, não e não! Semelhante estado de coisas tem que acabar, e quanto antes!

Pois não é verdade que a imprensa diaria do paiz nos affirma volta e meia que não ha entre nós, a minima falta de generos de primeira necessidade? E o que vêmos, afinal? Isto: a absoluta escassez de tudo que é essencial á vida — a menos que o consumidor se promptifique a pagar esses artigos por quantias exorbitantes, porque, nesse caso, a abundancia surge como que por encanto...

Nos sempre ouvimos dizer — e a historia está cheia de exemplos corroborantes — que é perigoso brincar com o fogo. Parece, no emtanto, que o commercio desconhece verdades tão comesinhas, e d'ai a origem do seu ignobil procedimento...

Mas seja como fôr. Temos mulheres e filhos a sustentar, mães e paes a quem servir de amparo, irmãs queridas para proteger da lama da prostituição! Como remediar tão grande mal, se a falta de trabalho é desoladora, a inferioridade dos salarios cada vez mais accentuada, o numero de desoccupados dia a dia mais accrescido?

A resposta não admitte meios termos: tem de ser clara, terminante e decisiva. Eis o que vamos fazer sem tibiezas de qualquer especie.

Se é permittido ao commercio roubar escandalosamente o povo consumidor, a pontos de o collocar na contingencia acabrunhadora de perecer á fome, aconselhamos a todos os nossos irmãos de infortunio que defendam *á outrance* o seu incontestavel direito á vida, indo buscar as subsistencias onde quer que ellas se encontrem *aferrolhadas* — nas lojas de commercio, nos armazens, nas fabricas...

Uma vez que o roubo vigora como lei por parte duma classe de parasitas endinheirados, justo é que a mesma lei seja *decretada* para uso dos que trabalham incessantemente sob a pata bruta do Capital.

Certo que a burguezia, todos os ladrões e exploradores do suor alheio, não irão imbecilmente fornecer-nos armas para contra si proprios serem manejadas; compete, porém, ao povo trabalhador agir revolucionariamente, conquistando elle mesmo aquillo que lhe é negado e de que em absoluto carece.

Cada dia que se passar será mais um seculo de desespero e mal estar para a familia proletariana; será mais um seculo de desditas e soffrimentos para as victimas da escravidão hodierna.

Urge, portanto, pôr mãos á obra. Nada de hesitações, que possam significar covardia a pusilanimidade. Extorquir aos potentados o pão que lhes sobeja representa tão sómente a natural reivindicação do direito á existencia, ao goso material de tudo quanto é produzido por nós trabalhadores.

Santos, 10 — 7 — 917.

Andrade Cadete.

Um Comité dos Operarios e Soldados do Brazil

O deputado Nicanor do Nascimento, no dia 13 do corrente, referindo-se na Camara Federal aos acontecimentos que se desenrolavam nesta Capital, disse:

«A explosão foi local, mas o problema é geral. Os roubadores e intermediarios escondem as utilidades para elevar-lhes o preço. Isso determina a fome e a fome determina á revolta. A firma Matarazzo, em S. Paulo, é uma das grandes açambarcadoras que compraram as colheitas de Minas, S. Paulo e Rio para, pelo monopolio, determinarem o preço. Isto é apenas a continuação do que já tem feito explosões, que serão amanhan no Rio, em Nictheroy e em todas as grandes cidades.

«Os productores e consumidores, diante da inercia do governo, saberão resolver o problema pela força. No entanto os projectos sobre o assumpto, dormem na pasta da commissão de Finanças e dormirão até que o Comité dos Operarios e Soldados do Brasil venha resolver o problema.

«Tenho cumprido o meu dever. Appello para o Congresso para que cumpra o seu. As revoltas provocadas pela fome não podem ser juguladas pela força».

Echoou, como se vê pelas palavras do deputado carioca, no parlamento nacional, a revolta da fome do povo de S. Paulo, e, teve o sr. Nicanor do Nascimento vehementes palavras de condemnação contra os açambarcadores, dos quaes é o maior expoente a casa Matarazzo.

O comité dos operarios e soldados do Brazil ainda não se constituiu, mas a esta hora, já devem estar os soldados-proletarios armados pela burguezia para defesa dos seus interesses — convencidos do erro commettido de cumprir ordens, atirando sobre as seus irmãos de miseria, quando o povo descendo para a praça publica, veiu defender os interesses de toda a communidade, feridos, e conculcados por meia duzia de especuladores.

E, si persisiir a especulação dos açambarcadores e a inercia dos que devem zelar pelo bem estar commum — pois se dizem representantes e eleitos do povo — não será de extranhar que voltando o povo a agitar-se, tenha ao seu lado os proletarios soldados, e para então, como na Russia, em poucos momentos impôr a sua vontade soberana.

O Dr. Aurelino Leal

O chefe de policia do Rio, agora accusado pelos jornaes cariocas e dr. Angelo Pinheiro, de ter propositadamente acobertado com o seu manto protector os mandantes ao assassinato do general Pinheiro Machado, fez uma *fita*, falando a alguns jornalistas sobre o movimento operario que se desenrolava nesta capital.

Disse o grande pateta ou maior bestalhão:

«Se a greve estalar aqui, creio bem que ella será parcial e emquanto ella fôr pacifica tudo correrá muito bem. De uma coisa, porém, faço questão: ao primeiro movimento de depredação agirei com mão forte e os anarchistas, tão meus conhecidos, serão os primeiros a quem pedirei contas.

Não faz muito tempo elles pregaram a necessidade de serem supprimidos o governo, a familia e a patria! Imagine se é possivel transigir com gente dessa ordem!»

O estupido não conhece sociologia, e ignora que a philosophia anarchista é justamente a negação dos governos e das patrias, dos governos porque só cuidam dos interesses dos ricos e das patrias, porque todos os homens são irmãos e é preciso abolir as fronteiras que os separam.

Quanto á familia, saiba o dr. Aurelino Leal, que só numa sociedade communista ella poderá ser perfeita e harmonica, desapparecendo o interesse que perturba e mata o amor.

Ninguem, mais do que os anarchistas, sábe amar os filhos, os paes, os irmãos e as suas companheiras; ninguem melhor do que os anarchistas, tem a comprehensão dos deveres que os laços de sangue infundem.

Procurai, sr. Aurelino Leal, entre os anarchistas, um só que abandone os paes na miseria ou despreze os irmãos, os filhos, a companheira.

No entanto isso é commum na sociedade da gente rica, que tem vergonha dos parentes pobres e abandona os filhos do amor nas casas de engeitados.

Leia dr. Aurelino Leal a *Esquisse d'une morale sans obligation, ni sanction*, de Guyau, e ficará então conhecendo a moral anarchista.

Outra palermice do "Correio"

O "Correio Paulistano" é ás vezes um jornal impagavel, devido á reportagem *modelo* que possue.

Assim é que, quando a agitação operaria que ainda se vem sentindo, estava em embryão, o orgam que quasi não tem parallelo na imprensa desta ineffavel Capital, noticiou que já haviam sido presos os seus cabeças e que o "*Centro Libertario* da Moóca" tinha sido fechado, porque "se constituira um verdadeiro fóco de desordens."

Realmente, é impagavel o jornal de todos os dominantes.

Primeiro fala nos chefes de uma sublevação que ainda não havia rebentado e depois chama com toda a malicia, de "meio de desordeiros" a "Liga Operaria da Moóca," lugar onde os operarios daquelle bairro vão - após a labuta quotidiana — buscar os ensinamentos de que necessitam, trocar as suas impressões e preparar-se para a grande transformação social que lhes trará o bem estar que elles espiram.

E' inegavelmente impagabilissimo o "Correio" com a sua reportagem *sui generis*.

O REGIMEN DA FOME

IMITEMOS A RUSSIA

A crise que infelizmente assoberba o mundo inteiro, em consequencia da formidavel hecatombe que ha cousa de 3 annos ensanguenta o velho continente, arrastando para o medonho conflicto os paizes da America democrata e livre, não podia deixar de se fazer sentir em todos os recantos do planeta levando a desolação e a miseria a toda a parte, especialmente no Brasil, onde, desgraçadamente, a administração publica está fixada na «Mão Negra» dos bandidos e ladrões, açambarcadores das economias do povo soberano. A carestia da vida seriamente aggravada pelos enormes e extensivos impostos, veio criar em nosso Estado uma situação desesperada e intoleravel, da qual só poderemos sahir por meio da revolução. Emquanto o governo sobrecarrega o povo de impostos para esbanjar á vontade os dinheiros do Thezouro, isto é o suor do povo, este vê desenbarse diante de si o horrivel quadro da miseria penetrando em todos os lares e aniquillando caracteres, forças e energias. Não é debalde que se aconselhou algures: «Contra a fome, dynamite.» A entrada do Brasil na conflagração, nessa guerra tremenda, de interesses commerciaes e financeiros, para os dois grupos belligerantes, é outra infelicidade que está pairando assustadoramente sobre as nossas cabeças.

Procuremos evital-a por todos os meios, ou então, tirar desse desastrado acontecimento um partido para a causa que defendemos, agitando as massas e exortando-as para o exemplo da Russia.

F. G.

Nicola Salerno, sympathizante das ideias avançadas assassinado barbaramente na rua Augusta

O Rudge

Quem não o conhecerá? E' o decano dos policistas de S. Paulo e já tristemente celebrisado nas chronicas dos crimes policiaes.

Nas ultimas agitações andou elle a praticar violencias pelas ruas da cidade, com as costas guardadas, no automovel, por um pelotão de soldados de armas embaladas!

Mas o seu maior excesso foi o de obrigar os *chauffeurs* aos trabalhos ameaçando-os de tirar-lhes os pontos de estacionamento.

São os *chauffeurs* e mais conductores de vehiculos os unicos culpados da arrogancio do delegado Rudge.

De ha muito deviam ter reclamado contra as multas injustas que são constrangidos a pagar, sob pena de ficarem presos e de serem os vehiculos enviados para o deposito.

Pagam injustamente porque querem.

A lei municipal sobre multas estabelece que, de qualquer infracção, será lavrado um auto, e, o autuado não querendo pagar para usar do direito de recurso ao Prefeito, esse direito lhe é assegurado.

E, não sendo, attendidos, pódem esperar pelo processo, defendendo-se perante as justiças de paz.

Porque, pagam, pois as multas injustas que lhes são applicadas, para gaudio do pessoal da terceira delegacia auxiliar, que se enriquece com as custas?

O famigerado Zé Maria

O celebre Zé Maria do Valle, chefe dos secretas e inquisidor da Bastilha do Cambucy, que andava affastado da polcia, tratando de obter licença para abater vaccas no Matadouro, reappareceu no dia 13, chefiando pelas ruas uma malta de bandidos da sua especie e praticando toda a sorte de tropelias,

O *Estado*, commentando esse reapparecimento, disse:

«O mesmo subdelegado, que ultimamente tem estado occulto e agora surgiu não se sabe de onde nem para que, andou hontem pela praça João Mendes a dar cacetadas em populares, commandando um grupo de secretas, sem que razão alguma justificasse aquelles actos».

Não nos admiramos desse reapparecimento. O celebre facinora certamente recebeu ordens para agir do dr. Eloy Chaves, pois a *Razão*, do Rio, nos fes saber que o secretario da justiça e segurança publica telegraphou para ali dizendo que os chefes da gréve já estavam «*presos e encarcerados*», e esse telegramma passou-o quando o governo de S. Paulo tremia e tinha a certesa já do que, si não houvesse uma intervenção qualquer providencial, elle teria de desapparecer e dixar que outros mais geitosos ou mais energicos, resolvessem o problema da fóme.

Zémaria continuará na policia, apezar das tropelias que fez.

A policia precisa dos Zémarias, e Bandeiras, como precisava do Gallinha, de que uma bala justiceira nos livrou,

«A Plebe» em Santos

Está á venda na agencia de jornaes do sr. José de Paiva Magalhães, á rua Santo Antonio.

O QUE RECLAMAM OS OPERARIOS

E' o seguinte o memorial de reclamações apresentadas pelo Comité de Defeza Proletaria e que o proletariado continúa a sustentar.

Os representantes das ligas operarias, das corporações em gréve e das associações politico-sociaes que compõem o "Comité" de Defeza Proletaria, reunidos na noite de 11 de Julho, depois de consultadas as entidades de que fazem parte, expondo as aspirações não só da massa operaria em gréve como as aspirações de toda a população angustiada por prementes necessidades, considerando a insufficiencia do Estado no providenciar de outra fórma que não seja pela repressão violenta, tornam publicos os fins immediatos que a actual agitação se propõe, formulando da maneira que segue as condições de trabalho que, opportunamente, serão examinadas nos seus detalhes:

1.º — Que sejam postas em liberdade todas as pessoas detidas por motivos de gréve;

2.º — Que seja respeitado do modo mais absoluto o direito de associação para os trabalhadores;

3.º — Que nenhum operario seja dispensado por haver participado activa e ostensivamente no movimento grevista;

4.º) Qne seja abolida de facto a exploração do trabalho dos menores de 14 annos nas fabricas, officinas, etc.;

5.º) Qne os trabalhadores com menos de 13 annos não sejam occupados em trabalhos nocturnos;

6.º) — Que seja abolido o trabalho nocturno das mulheres;

7.º) — Augmento de 35°/o nos salarios inferiores a 5$000 e de 25°/o para os mais elevados;

8.º) — Que o pagamento dos salarios seja effectuado pontualmente, cada 15 dias e, o mais tardar, cinco dias após o vencimento;

9.º) — Que seja garantido aos operarios trabalho permanente;

10.º) — Jornada de oito horas e semana ingleza;

11.º) — Augmento de 50°/o em todo o trabalho extraordinario.

Além disto, que, particularmente, se refere ás classes trabalhadoras, o "Comité" de Defesa Proletaria, considerando que o augmento dos salarios, como quasi sempre acontece, possa vir a ser frustado por um augmento — e não pequeno — no custo dos generos de primeira necessidade, e considerando que o actual mal-estar economico, por motivos e causas diversas, é sentido por toda a população, suggere algumas outras medidas de caracter geral, condensadas nas seguintes propostas:

1.º) Que se proceda ao immediato barateamento dos generos de primeira necessidade, providenciando-se, como já se fez em outras partes, para que os preços, devidamente reduzidos, não possam ser alterados pela intervenção dos açambarcadores;

2.o) Que se proceda, sendo necessario, á requisição de todos os generos indispensaveis á alimentação publica, subtrahindo-os assim do dominio da especulação;

3.o) Que sejam postas em pratica immediatas e reaes medidas para impedir a adulteração e falsificação dos productos alimentares, falsificação e adulteração até agora largamente exercitadas por todos os industriaes, importadores e fabricantes;

4.o) Que os alugueis das casas, até 100$000, sejam reduzidos de 30 °/o, não sendo executados nem despejados por falta de pagamento os inquilinos das casas cujos proprietarios se opponham áquella reducção.

As propostas e condições acima são medidas razoaveis e humanas. Julgal-as subversivas, repellil-as e pretender suffocar a actual agitação com as carabinas dos soldados, acreditamos que seja uma provocação perigosa, uma prova de absoluta incapacidade.

O "Comité" de defeza Proletaria crê haver encontrado o caminho para uma solução honesta e possivel. Esta solução terá, certamente, o apoio de todos aquelles que não forem surdos aos protestos da fome.

Solidariedade por intermedio "d'A Plebe"

Congratulando-nos com o enthusiastico movimento operario, que marcou na historia uma nova phase para a vida do povo trabalhador de S. Paulo, enviamos as expressões do nosso reconhecimento aos esforços envidados pelos delegados do Comité da Defesa Proletaria, os quaes com verdadeiro heroismo e fervorosa abnegação, mantiveram-se firmes no seu posto, até á completa solução em proveito da justa e alta causa, arrostando com os perigos a que expunham a sua vida e a sua liberdade

E dando um — bravo! á classe trabalhadora de S. Paulo, saudamos tambem os martyres tombados, cujo sangue firmou a solidariedade, que nos levará a novas conquistas, até o raiar da nova era — prestes a despontar na historia triste da humanidade — que saudaremos com a completa victoria do sublime ideal anarquista!

Vivam a egualdade e a fraternidade humana!

Isabel Cerruti - Americo Cerruti

* * *

A' Liga Operaria da Moóca:

Protestamos vehementemente contra o espaldeiramento dos operarios pela policia, hypothecando a nossa solidariedade e sympathia ao movimento grevista, fazendo votos pelo seu triumpho.- *Zeferino Oliva, G. Martins, André Jorge.*

* * *

De Porto Alegre, telegrapham-nos:

A Federação Operaria de Porto Alegre mantem-se solidaria com o movimento, embora não tenha informações detalhadas que espera receber para sua orientação. Ezequiel Oliveira, secretario.

* * *

"Ao Comité de Defeza Proletaria:

O Cento Typographico de Campos apoia em toda a linha a vossa attitude de firmeza e secundando a necessaria reivindicação dos direitos poletarios vae promover um comicio no proximo domingo. — *Estevam Armand*, presidente."

* * *

De Campinas escrevem-nos os nossos amigos Antonio Leite de Oliveira e José Falsetti protestando a sua solidariedade aos grevistas e lastimando a morte dos que, na memoravel batalha, succumbiram victimados pela sanha policiesca ao serviço da infernal e assassina camarilha burgueza.

— No mesmo sentido recebemos uma carta do operario Perdigão Alves, de Piracicaba.

— Do nosso camarada e collaborador Andrade Cadete, residente em Santos, recebemos as seguintes e animadoras palavras:

«Aproveitando a opportunidade, congratulo-me com o brilhante resultado da vossa propaganda em favor das reivindicações economicas das classes operarias dessa capital, o que traduz um symptoma animador do despertar para a vida das victimas infensas da burguezia ladravaz. Por isso é que o meu espirito se reveste de novas e fortes energias, confiando em absoluto no victoria final».

«A Plebe» em Bello Horizonte

Vende-se na casa dos srs. Giacomo Aluotto & Irmão, á rua da Bahia, 986

O MOVIMENTO ESTENDEU-SE

A ADHESÃO DE MUITAS OUTRAS CIDADES

Em Campinas

Paralisação completa do trabalho--O barbarismo policial

Desde o inicio da gréve, em S. Paulo, que o povo e, particularmente, o proletariado campineiro alimentavam forte sympathia pela justa causa do operariado paulistano. Assim é que, a todo o momento, se ouviam commentarios enthusiastas á acção dos grevistas.

Dia 13, seguiu para essa capital o batalhão aqui aquartelado afim de, com as forças d'ahi, completar a obra infame já começada: massacrar o povo.

O policiamento de Campinas ficou a cargo dos pedantes garotos da Linha de Tiro 176, que, desejosos de uma estreia auspiciosa, commeteram algumas e inuteis arbitrariedades.

O operariado campineiro, querendo manifestar, de facto, a sua solidariedade aos companheiros de São Paulo, resolveu, no dia 16, declarar-se em gréve e reclamar tambem um augmento de 20 % nos seus salarios. Nesse mesmo dia, cerca da 1 hora da tarde, os operarios da Companhia Mogyana, Mac Hardy e Lidgerwood, numa grande massa, percorriam as ruas da cidade quando, sem motivo algum, foram presos dois companheiros.

Diante disso que representava uma revoltante arbitrariedade, os operarios, precedidos de uma bandeira vermelha, symbolo das suas aspirações de justiça, encaminharam-se á autoridade policial, pedindo a liberdade dos dois camaradas. Arrogantemente, a autoridade negou que os mesmos se achassem presos.

No trajecto foram adherindo á greve os operarios de muitos estabelecimentos industriaes. Cessou o movimento de boudes que, por alguns momentos deixaram de trafegar. O commercio fechou.

Algumas horas depois adheriram ao movimento os operarios de outras fabricas e officinas.

Os obreiros campineiros, sempre com calma, dirigiam-se aos jornaes locaes, quando alguem alvitrou a idéa de irem esperar a passagem do comboio que ia partir para S. Paulo, onde talvez viajassem os presos. Com esse fim dirigiram-se para a porteira chamada da Capivara, que aquelle trem deveria atravessar. De facto, o comboio appareceu momentos depois, sendo apedrejado por alguns moleques.

Cruzando-se com o que vinha d'ahi, permittiu que os esbirros das duas cidades se communicassem. E taes foram as communicações que d'ahi a pouco se consumava a pavorosa tragedia. O commandante da força, fazendo parar o trem em ponto que julgou estrategico, fez descer a soldadesca a qual, approximando-se, ás occultas, da massa dos grevistas rompeu incontinenti a fuzilaria.

Entre mortos e feridos notamos seis pessoas, victimas dessa policia vilmente assassina que mata de emboscada operarios pacatos e ordeiros como são todos os de Campinas. Entre os mortos figuram os companheiros Antonio Rodrigues Magota e Tito Carvalho.

Foi essa uma violencia sem qualificação porque os operarios não commetteram depravações nem desattenderam ás autoridades.

Esse official que commandou o massacre deveria e mereceria ser lynchado, mas é certo que o capitalismo ladravaz vae certamente dispensar-lhe honrarias especiaes e, talvez, amanhã, ostente no braço um novo galão.

Na terça-feira, 17, foi profusamente espalhado o seguinte boletim:

«Companheiros! Sejamos unidos, para assim obtermos a victoria dos nossos direitos. Não nos curvemos ante a prepotencia dessa policia sedenta de sangue.

A policia sanguinaria quer-nos privar de acompanhar hoje até a ultima morada os despojos dos nossos companheiros.

E' uma iniquidade, é um abuso. Satisfazel-a nesse seu proposito, é dar uma prova da nossa decadencia, da nossa fraqueza. Portanto, operarios' não deixem de comparecer ao sepultamento dos nossos desditosos companheiros, marcado para hoje, ás 13 horas.

Todos! Não nos esmoreça a brutal selvageria de hontem! — A' Commissão. — Campinas, 17 de Julho de 1917.»

Nesse dia os operarios de todas as typographias de Campinas adheriram á gréve, reclamando augmento de salario.

O enterro das victimas foi uma imponente manifestação de protesto do proletariado campineiro, que a elle compareceu em multidões.

Em Santos

Estão em gréve os operarios das construcções civis e do pedras e granito.

No domingo, 15, em frente á séde da União Geral dos Trabalhadores, á rua Braz Cubas, 375, realizou-se um grande comicio. Foram pronunciados varios discursos, referindo-se todos os oradores ao movimento grevista de S. Paulo, com o qual se declararam solidarios.

Os grevistas reclamaram augmento de salario, assim como a observancia rigorosa do dia de trabalho de 8 horas; a pontualidade no pagamento dos salarios, que deve ser effectuado, no mais tardar, até o dia 5 de cada mez; e que seja eliminado o cartão exigido pelos constructores para a admissão de operarios.

Reclamam tambem providencias no sentido de se operar o barateamento dos generos de primeira necessidade.

Os grevistas de Santos contam com a adhesão dos operarios de outras classes.

A policia de Santos resolveu não ficar atraz de suas collegas de S. Paulo e de Campinas. Todos os meios lhe são bons para provocar os grevistas.

Começou por manter um apparato irritante nas immediações das sédes das associações operarias; depois deu para aggredir trabalhadores em plena rua, quer fossem grevistas quer não; d'ahi, num crescendo de furia, passou a prender todos os operarios de que podia deitar mão, a qualquer hora do dia ou da noite.

Assim, foram presos os operarios Manoel Perdigão e Simão Sabredo, quando já se achavam deitados nos seus quartos. Em Villa Mathias, os operarios Porfirio Claro, José Dias, Bento Rodrigues e Antonio Francisco, empregados da Constructora e das Docas, todos residentes á rua 13 de Maio, foram inopinadamente aggredidos por policiaes daquelle bairro, quando se dirigiam para casa, á hora do almoço.

No Macuco foram feitas mais de vinte prisões sem a menor justificativa. Entretanto, as autoridades procuram esconder estes factos, negando que se achem presos quaesquer grevistas, o que vem robustecer a suspeita, que já se tornou crença geral em Santos, de que os presos foram conduzidos para bordo do «Republica», que se acha em Santos á disposição do governo do Estado.

Em Sorocaba

No dia 16, de manhã, o operariado das fabricas de Sorocaba, em numero approximado de cinco mil pessoas, declarou-se em greve.

O commercio em grande parte fechou.

Um numeroso grupo de grevistas percorreu a cidade intimando o fechamento das portas das casas que se achavam abertas no que foi immediatamente attendido.

No decorrer do dia os operarios da fabrica Santa Rosalia, adheriram á gréve por espirito de solidariedade, o mesmo acontecendo com os da fabrica de chapéus Souza Pereira. Nesta ultima fabrica os operarios haviam recebido um augmento de ordenado cinco dias antes.

Um grupo de grevistas dirigiu-se de manhã cedo para Votorantim, cuja fabrica, parada ha algum tempo, em virtude da gréve, devia recomeçar o trabalho naquelle mesmo dia. Este grupo obteve a adhesão de seus companheiros da fabrica de Votorantim.

A' tarde, os empregados das fabricas de calçados, cortumes, etc., adheriram á gréve, elevando-se então a mais de oito mil o numero de operarios em gréve.

Notou-se entre os grevistas um numero elevado de mulheres.

Em Piracicaba

Na segunda-feira, 16, pela manhã, um grupo de pedreiros e carpinteiros do Engenho Monte Alegre declarou-se em gréve. A's 17 horas realisou-se um grande comicio no largo da Matriz, onde falaram diversos trabalhadores. Organisou-se um longo cortejo, que percorreu varias ruas da cidade e depois dirigiu-se ao Engenho Central, da Compagnie Sucrerie, exigindo que cessasse alí o trabalho, no que foi logo attendido.

A gerencia do Engenho Monte Alegre, ao estalar o movimento, mostrou-se logo disposta a conceder um augmento de 10 0|0 nos salarios não só dos pedreiros e carpinteiros, como dos demais empregados do engenho.

Parece que este augmento foi julgado insufficiente pelos grevistas, pois resolveram manter-se em gréve.

No dia seguinte, 17, um numeroso grupo de grevistas, reunido no centro da cidade, percorreu as ruas, obrigando o commercio todo a fechar-se. Nesse dia já nenhuma officina trabalhava. Boudes, carros, automoveis, tudo estava paralysado.

Em São Roque

Declararam-se em gréve, no dia 16, os operarios das officinas da Estrada Sorocabana, em Mayrink. Ao meio dia, mais ou menos, uma delegação dos grevistas procurou o chefe da locomoção, a quem apresentou o seguinte pedido: augmento de 20 0|0 nos salarios e ordenados em geral e 50 0|0 para os trabalhos extraordinarios, sendo tambem aventada a questão do dia de trabalho de 8 horas.

A's 14 horas e meia adheriram á gréve os operarios da fabrica de tecidos Italo-Americana.

Em Jundiahy

Deixaram de comparecer ao trabalho, no dia 16 do corrente, os operarios das fabricas «São Bento» e «Argus», que reclamam augmento de salario.

Em São Caetano

Realisou-se no dia 17, ás 15 horas, nesta villa, uma reunião do operariado local, para tratar da situação provocada pela gréve.

Tendo sido levado ao conhecimento dos operarios que a empresa Industrias Reunidas F. Matarazzo havia concedido o augmento exigido de 20 °|o sobre os salarios de seus operarios, estes resolveram voltar no dia seguinte ao trabalho.

O mesmo não aconteceu com o pessoal da Companhia Mecanica e I. de São Paulo que, além dos 20 °|o, pedem mais um augmento de 5 °|o para os serventes.

Os operarios desta Companhia resolveram aguardar a solução que a direcção dará ao caso.

Em Limeira

Os operarios da fabrica de chapéus Prada, da firma J. Prada Irmãos & Cia., não tendo sido attendidos no seu pedido de um augmento de 20 °|o sobre os seus salarios, declararam-se em gréve no dia 17 do corrente.

No Rio

No dia 14 realizou-se a reunião convocada pela Federação Operaria do Rio de Janeiro para deliberar sobre a attitude que o operariado daquella Capital deveria tomar diante da gréve geral de S. Paulo.

Falaram diversos oradores que, em discursos vehementes, verberaram a brutalidade da policia paulista. Todos os oradores declararam-se francamente solidarios com os seus companheiros paredistas desta cidade.

Foi approvada a seguinte moção:

«A Federação Operaria do Rio de Janeiro, orgam interprete e fiel das Associações Operarias que a compõem, primeiro hypotheca franca adhesão e completa solidariedade ao operariado de São Paulo, ora, em gréve e louva e admira a heroicidade da sua acção na luta travada contra a classe patronal, obrigando-a a recuar e ceder os seus propositos de insaciavel exploração; segundo faz ardentes votos pelo triumpho integral da gréve em que se empenharam aquelles irmãos em soffrimentos, que, á custa do proprio sangue, estão fazendo valer as reivindicações proletarias; terceiro protesta tornar effectivo o apoio que lhe merece o movimento paulistano, logo que assim seja necessario.

Resolve ainda telegraphar a todas as associações federadas ou não federadas, dos Estados, para que as mesmas procedam de accôrdo com o movimento iniciado no Estado de S. Paulo».

No dia 15, domingo, á tarde, realisou-se um grande comicio na praça Marechal Floriano, em frente ao Theatro Municipal.

Fizeram-se ouvir varios oradores, sendo suggerida a idéa da gréve geral no Rio, como o mais vivo signal de solidariedade aos trabalhadores de S. Paulo.

José I. Martinez, o desventurado companheiro, membro do Grupo Jovens Incansaveis, assassinado durante a gréve

Os nossos mortos

Compungidamente saudamos os que tombaram, varados pelas balas assassinas da policia, nesta Capital e em Campinas.

Operarios do progresso e do bem estar social, erguendo-se e exigindo o direito á vida, que é o supremo bem na ordem natural, cahiram, para não mais se levantar, sob a fasilaria dos proletarios inconscientes que, militarisados, contra elles proprios servem os interesses dos ricos e dos potentados.

E' cedo ainda para nomearmos todos os nossos mortos, porque nos cemiterios contam-se mais covas recentemente fechadas do que o numero dos cadaveres devidamente registrados.

Só quando se restabelecer a calma e forem soltos os presos, poderemos vêr quaes os lutadores que não regressam aos seus lares e ao seu posto de trabalho.

Então, exigiremos que as auctoridades nos digam o que fizeram desses nossos irmãos.

Então, só então, poderemos nomear todas as victimas de uma reacção cega e feroz, que apavorada diante de um movimento pacifico dos trabalhadores, recorreu a innominoveis violencias, quando intimamente tremia e julgava que os seus dias estavam contados.

Paz ás victimas da tyrannia.

O caminho que conduz á liberdade foi sempre semeado de martyres, e é do sangue generoso dos precursores que ha-de vir a libertação final.

O sacrificio do nosso joven companheiro Martinez, a primeira victima, e de Nicola Salerno, um sympathizante que dia a dia melhor comprehendia a grandeza do nosso ideal de regeneração humana, não será em vão.

Os seus nomes ficarão gravados em todos os corações proletarios.

O enterro do infortunado Martinez

Foi uma homenagem sem egual a que os grévistas de São Paulo renderam ao inditoso companheiro Martinez, a primeira victima da sanha policiesca.

O prestito, que as autoridades pretenderam desviar do centro da cidade, atravessou as ruas principaes antes de se dirigir ao cemiterio do Araçá, onde o corpo do infeliz operario foi inhumado.

Não só o enterro não se effectuou no cemiterio da 4.ª Parada, como era desejo da policia, mas ainda a enorme massa que formava o cortejo seguiu por onde muito bem quiz, contra a vontade expressa dos mandões que não estimavam ouvir na propria cara e perto do seu antro as vehementes accusações das turbas, repletas de justificada revolta.

Assim, foram tomadas, de ponta a ponta, pela multidão as ruas 15 de Novembro e São Bento, onde os aristocraticos vendilhões exercitam o seu lucrativo commercio.

Os presos

Contam-se por muitas centenas os operarios presos pela heroica policia desta cidade durante os ultimos acontecimentos. A Central e os postos que por ahi existem, nos arrabaldes, regorgitaram de trabalhadores, que eram encarcerados aos montes e aos montes empilhados em estreitos cubiculos, sem ar e sem luz, sobre o gelo dos cimentos. Não comiam, nem dormiam; tiritavam de frio ou de febre. Insufficientes os calabouços para conter todos os detidos que, incessantemente, a furia policiesca arrebanhava, aqui e além, nos quatro cantos da capital, eram os mesmos conduzidos, em grandes caminhões, no meio da soldadesca, para o antigo Hospicio de Alienados e ahi, como fardos, atirados para uma grande area.

Ahi, como nos postos da policia, permaneceram os infortunados obreiros tres dias e tres noites, expostos aos rigores do frio, sem um abrigo e tiritando, tomados pela febre. Não se comia, como não se dormia.

O que ahi soffreram e presenciaram os pobres presos só é comparavel á furia do canibalismo da gente sanguinaria do general Galifet após o esmagamento da Communa de Pariz.

Soldados e officiaes, agentes da policia secreta chasqueavam dos detidos, maltratavam-nos, dirigiam-lhes insultos soezes, esbofeteando-os. Muitos foram feridos. A cada instante chegavam transportes carregados de cadaveres, de moribundos ou feridos gravemente. Os cadaveres desappareciam mysteriosamente; os feridos e os moribundos eram abandonados, sem piedade, pelos cantos, extorcendo-se em dores e implorando. Não apparecia um medico, não se fazia um curativo. Só o chasco, a covardia e a furia da vingança!

Mas as prisões que se abriram por uma imposição do «Comité de Defeza Popular» para dar sahida aos grevistas, abriram-se tambem para receber outros e novos detidos. De facto, a truanesca policia, não obstante o compromisso assumido com a commissão de jornalistas, continúa na sua faina de prender e perseguir operarios só porque são operarios e gozam, entre estes, de certa estima e confiança.

Entre os trabalhadores ultimamente detidos conta-se Martin Roura, que foi recolhido ao posto policial do Belemzinho, sendo a sua casa varejada e della subtrahidos os livros e papeis pertencentes á Liga Operaria daquelle bairro.

Egual proeza foi levada a effeito na residencia do operarió Francisco Cianci, á rua Luiz Gama, onde a policia, alem de alguns papeis sem importancia, roubou um pequeno busto do eminente propagandista libertario e poeta italiano, Pedro Gori.

A victoria

Embora em parte, os capitalistas e governantes cederam

Os industriaes assumiram perante o «Comité» de Jornalistas o compromisso seguinte:

a) manter a concessão feita, de vinte por cento sobre os salarios em geral;

b) affirmar que não será dispensado nenhum operario que tenha tomado parte na presente gréve;

c) declarar que respeitarão absolutamente o direito de associação dos seus operarios;

d) effectuar os pagamentos dos salarios dentro da primeira quinzena que se seguir ao mez vencido;

e) consignar que acompanharão com a maxima boa vontade as iniciativas que forem tomadas no sentido de melhorar as condições moraes, materiaes e economicas do operariado de S. Paulo.

* *

Consiste no seguinte o compromisso assumido pelos governantes:

a) o governo porá em liberdade, immediatamente após a volta ao trabalho, todos os individuos presos por motivos extrictamente ralativos á greve, isto é, exceptuados apenas os que forem réus de delicto commum, os quaes, aliás, não são operarios;

b) o governo, como costuma proceder, e baseado nas leis e na jurisprudencia dos nossos tribunaes, reconhecerá o direito de reunião, quando este se exercer dentro da lei e não for contrario á ordem publica;

c) que o poder publico redobrará de esforços para que sejam cumpridas em seu rigor as disposições de lei relativas a o trabalho dos menores nas fabricas;

d) que o poder publico se interessará, pelos meios ao seu alcance, para que sejam estudadas e votadas medidas que defendam os trabalhadores menores de 13 annos e as mulheres no trabalho nocturno;

e) que o poder publico estudará desde já as medidas viaveis tendentes a minorar o actual estado de encarecimento da vida, dentro da sua esphera de acção, procurando outrosim exercer a sua autoridade, officiosamente, junto do grande commercio atacadista, de modo a ser garantido aos consumidores um preço razoavel para os generos de primeira necessidade;

f) que o poder publico, aliás no desempenho de um dever que lhe é muito grato exercer, porá em execução medidas conducentes a impedir a adulteração e falsificação dos generos alimenticios.

A expropriação

Não entraremos em detalhes sobre os innumeros casos de expropriação que se registaram nesta capital durante o movimento grevista. Esta expropriação fez-se, em maior ou menor escala, em todos os pontos da cidade, mau grado a derramamento da força armada, que attingiu as proporções de uma verdadeira innundação. Armazens, depositos, caminhões de farinha, carroças de leite, tudo foi tomado e despejado pela multidão faminta e colerica, que não via nem lhe importavam as carabinas dos soldados, que ella escarnecia e desprezava como coisas vis, que eram.

A expropriação é, para o esfomeado, um direito, o direito em virtude do qual se força um explorador do trabalho alheio á restituição daquillo que lhe não pertence.

Os imponentes Comicios de segunda-feira

No largo da Concordia, ás 12 horas, no Ypiranga e na Lapa, ás 16, tiveram logar os comicios promovidos pelo *Comité de Defesa Proletaria*.

O comité devia expor, como fez, o resultado dos seus trabalhos durante a agitação e as varias negociações que levara a cabo com a commissão da imprensa.

Ao Comicio do Largo da Concordia assistiu uma multidão de muitos milhares de grevistas que, com visivel impaciencia, aguardava a palavra dos seus representantes.

Estes, reunidos no coreto daquelle largo e rodeados da numerosa massa, deram inicio aos seus discursos, falando detalhadamente sobre os acontecimentos e os seus resultados tres membros do *Comité de Defesa Proletaria*, Monicelli, Candeias e Leuenroth.

O comicio, que se prolongou por espaço de duas horas, terminou com a leitura da conhecida moção, recebida com applausos vehementes e immediatamente approvada pela grandiosa massa obreira.

Nos comicios da Lapa e Ypiranga, dois grandes centros proletarios da capital, falaram á numerosa multidão de grevistas, Monicelli e Leuenroth no primeiro, Candeias, Sgai e Cianci no ultimo. No Ypiranga fez tambem uso da palavra um operario do bairro, cujo nome não podemos obter.

As duas assembléas estiveram egualmente imponentissimas, repetindo-se, por essa occasião, a leitura da moção acima que foi da mesma maneira approvada por entre vivos e prolongados applausos.

As reuniões operarias de amanhã

Pintores — Realizam uma assembléa da classe, ás 9 horas da manhã, á rua do Carmo, 20.

Operarios da Ingleza — Reunem-se á 1 hora da tarde, á rua Barão de Ladario, 176.

Alfaiates — Assembléa da classe, no Salão Italia Fausta, á rua Florencio de Abreu, 45.

Pedreiros — A's 11 horas da manhã, á rua do Carmo, 20.